

DIFERENTES CONCEITOS E PENSAMENTOS NO ENTENDIMENTO DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Mackson Azevedo Mafra¹

Alessandra Barboza Barros Almeida²

Fernanda Hungaro³

Guelly Urzêda de Mello Rezende⁴

Magno Antonio Cardozo Caiado⁵

Resumo: Esta investigação apresenta um estudo sobre a avaliação a partir dos diferentes pensamentos de teóricos, bem com dá experiencia profissional adquirida pelos professores em pleno gozo de suas trajetórias pedagógicas. Para a elaboração desta pesquisa foi adotada a abordagem quantitativa tendo com enfoque a pesquisa exploratória descritiva, pois está foi uma forma de estudo apropriada que permitiu a compreensão e interpretação de algumas questões educacionais envolvendo a avaliação da aprendizagem no ambiente escolar. A avaliação é um tema presente e que ainda precisa ser bastante discutido, pois não existe um modelo pronto e acabado a ser seguido pelos docentes. Partindo desse pressuposto, a presente pesquisa aborda os desafios e as possibilidades da avaliação, onde se buscou conhecer os diferentes conceitos e pensamentos que permeiam o entendimento da temática abordada. Neste trabalho, percebeu-se a necessidade de tornar abrangente a discussão acerca da avaliação escolar, haja vista que seu uso pode contribuir de forma significativa para a melhoria da aprendizagem, tendo em vista o acompanhamento contínuo de todo o processo do conhecimento do aluno, além da colaboração nos planejamentos pedagógicos

1 Doutor em Ciência da Educação pela Universidad de lá Integración de Las Américas. UNIDA-PY E-mail:mackson.azevedo@hotmail.com

2 Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Miami University of Science and Technology (MUST). E-mail: alessandrabbalmeida@gmail.com

3 Maestria en Educación con Especialidad en Educación Superior pela Universidad Internacional Iberoamericana - UNIB. E-mail: fhungaro@hotmail.com

4 Doutoranda em Administração pela Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA). E-mail: guellyurzedaauditadora@gmail.com

5 Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Miami University of Science and Technology (MUST). E-mail: mgcaiado@hotmail.com

e institucionais condizentes com a realidade e a necessidade dos estudantes.

Palavra-chave: Avaliação escolar, Docente, Estudantes

Abstract: This investigation presents a study on evaluation based on the different thoughts of theorists, as well as providing professional experience acquired by teachers in full enjoyment of their pedagogical trajectories. To prepare this research, a quantitative approach was adopted, focusing on descriptive exploratory research, as this was an appropriate form of study that allowed the understanding and interpretation of some educational issues involving the assessment of learning in the school environment. Assessment is a current topic that still needs to be discussed a lot, as there is no ready-made model for teachers to follow. Based on this assumption, this research addresses the challenges and possibilities of evaluation, where we sought to understand the different concepts and thoughts that permeate the understanding of the topic addressed. In this work, it was noticed the need to make the discussion about school assessment comprehensive, given that its use can contribute significantly to the improvement of learning, with a view to continuous monitoring of the entire process of student knowledge, in addition to collaboration in pedagogical and institutional planning consistent with the reality and needs of students.

Keywords: School evaluation, Teacher, Students

Introdução

A confusão associada à palavra avaliação e ao seu significado assumido no ambiente escolar: ora a definição de avaliação depende do domínio do conteúdo, ora é simplesmente um meio de medição, ora é utilizada como forma de punição, e outras vezes é utilizado como instrumento para avaliar o comportamento dos alunos. Hoje, é comumente utilizado ao longo da história da humanidade e tem sido utilizado como forma de autoritarismo e a avaliação agrega esse valor a ele e o converte em uma crença legítima.

Com este argumento pretende-se demonstrar que o conceito de avaliação é uma criação social e está, portanto, associado às componentes histórica, emocional, financeira, cultural, social e ideológica de quem a cria ou utiliza, pois está intimamente associado aos valores que vivenciam e às condições em que vivem. Da mesma forma, a avaliação é intrínseca

e essencial a todo o processo educativo que se dá numa busca constante pelo conhecimento, a assistência pedagógica do professor será integrante do conhecimento do aluno, ou seja, atuando como intermediário do conhecimento. Em última análise, o processo de integração do conhecimento será facilitado pelo professor.

A avaliação da aprendizagem durante as aulas cotidianas tornou-se significativa, este estudo está associado às nossas experiências pessoais e profissionais, tem como objetivo ampliar nosso conhecimento acadêmico e tem potencial para abordar questões relativas ao ensino, aprendizagem e avaliação em sala de aula, especificamente como o processo de avaliação é abordado pelos professores.

Como o ensino é hoje reconhecido como um processo, pode-se dizer que a avaliação não começa nem termina na sala de aula, é antes uma situação complexa que atualiza diferentes memórias, significados e interesses. Modelos, valores, crenças, símbolos e memórias servem como métodos de avaliação da prática educativa, validando posicionamentos, criando objetivos e métodos de comunicação e conduta quase naturais.

Nesse movimento de naturalização, práticas são atribuídas e mantidas na dinâmica educacional sem, no entanto, os professores questionarem sua ancestralidade ou finalidade. Luckesi (2012) afirma que a avaliação da aprendizagem é uma prática diária do professor, que tem por finalidade participar da busca do maior resultado possível para nossos alunos, em sala de aula.

Esta abordagem investigativa baseia-se na crença de que existem conhecimentos, práticos, informações, experiências e métodos de pensar a avaliação dos atores sociais envolvidos no processo de avaliação, a sua construção de conhecimentos e saberes práticos relativos à avaliação é facilitada pela interferência da educação, da vivência e dos meios de comunicação social.

Discutindo a história da avaliação

A educação é um processo social que se manifesta em diferentes sociedades humanas. Essa prática é comum e envolve o uso da avaliação como forma de organizar e priorizar os indivíduos em todos os espaços. Nessa perspectiva, a avaliação é considerada uma forma de seleção que possui objetivos específicos. Perrenoud (1999) descreve a avaliação como uma invenção que teve origem nas escolas e que ganhou popularidade

durante o século XVIII, quando a escolaridade se tornou obrigatória, o que levou à sua implementação. “La Salle, em 1720, escreveu um Guia das Escolas Cristãs que propunha a prática da realização de exames como forma permanente de supervisão do processo de ensino, porém, esta era principalmente uma dimensão de controle.” (GARCIA, 2013, p. 40).

No entanto, é fundamental reconhecer que a ideia de exames em educação deriva da investigação de Comenius, o criador da Didática Moderna e um dos maiores educadores do século XVII. Em 1657, nos escritos de sua *Didactica Magna*, Comenius descreveu os exames como um meio de feedback necessário ao processo educacional, necessário ao processo de ensino e aprendizagem. Posteriormente, os jesuítas desenvolveram um modelo de avaliação que possuía características quantitativas e competitivas, esta foi a abordagem metodológica empregada pela Companhia de Jesus, que ainda hoje é popular entre os seguidores da educação tradicional.

Com a formalização das escolas modernas, o processo de avaliação, que é a atribuição de notas para correção de exames, passa a ser o principal atributo da escola, isso resulta em uma organização hierárquica dos alunos que se baseia em seus méritos individuais. É importante salientar a importância, neste contexto, do surgimento do exame denominado *baccalauréat*, criado em 1808 por Napoleão Bonaparte e destinado a certificar a conclusão do ensino secundário e o acesso à Universidade. Este exame serviu de base às seguintes provas escritas institucionalizadas, que possuíam uma abordagem quantitativa de avaliação, bem como à emissão de certificação ou diploma, para quem a concluisse com aproveitamento.

No século XIX, esta forma de avaliação, já usada na Europa e nos Estados Unidos, cria a falsa impressão de que os instrumentos avaliativos seriam neutros e que seu uso levaria a que prevalecesse a capacidade pessoal sobre o nepotismo. Nas metas proclamadas que marcaram o surgimento do ‘*baccalauréat*’, a educação teria como foco preparar as pessoas para os novos empregos que o sistema público pretendia proporcionar, e para cuja oferta era necessário que apenas as realizações individuais fossem consideradas. (ALVES, 2018).

Entretanto, com os ideais burgueses de cidadania propagada na França, houve uma reconfiguração associada à pretensa garantia de que exames e os testes de medição intelectual eram neutros e objetivos, permitindo uma justa classificação de pessoas. Também a Revolução Industrial carimbou esse pensar na questão da avaliação:

O modelo hierárquico dos postos de trabalho utilizado nas indústrias

dá pistas sobre como organizar as turmas nas escolas, da mesma forma que a avaliação escolar passa a ser reforçada como instrumento para a seleção dos melhores alunos e o encaminhamento dos demais de acordo com suas capacidades. (PESSANHA, 2016, p.67).

O fluxo dessas ideias e perspectivas levou ao desenvolvimento de testes educacionais padronizados por Robert Thorndike nas primeiras duas décadas do século 20. O objetivo desses testes era avaliar o comportamento, as habilidades e as aptidões dos alunos, a fim de funcionarem como uma empresa (SAUL, 2014). A transmissão de neutralidade e objectividade associada aos testes e avaliações, no entanto, continua, apesar das crescentes questões que são levantadas. Com o tempo, o processo de julgamento torna-se mais evidente e é composto por componentes que se originam tanto no contexto social como no educacional. (HADJI, 2015, p.90).

Henri Piéron, durante o desenvolvimento de seu conceito de docimologia, que assim chamou, ampliou a ideia de que as provas e exames eram objetivos e isentos de preconceitos. Com sua equipe, esse psicólogo tenta criar instrumentos de avaliação que lhe permitam controlar os fatores que afetam o processo de avaliação. Baseados em escalas e métodos de medição quantitativos, esses instrumentos possuem confiabilidade suficiente para serem propostos para uso em larga escala. Esta perspectiva avaliativa continuou a ser popular, o que sugere que o objetivo principal da avaliação é identificar, através de exames, os acertos e erros dos alunos, cabendo aos educadores especializados criarem instrumentos especificamente concebidos para esse fim.

Também na prossecução deste objetivo Ralph Tyler, educador a quem se atribui o início da utilização do termo “avaliação da aprendizagem”, criou, em 1942, um modelo de avaliação que ligava os objetivos à avaliação. Este investigador americano, o primeiro a conceber o conceito de objetivos educacionais, descreve que o seu interesse está em verificar até que ponto esses objetivos foram alcançados, através da implementação de métodos práticos que foram desenhados com esse objetivo específico em mente. Desse modelo derivam as chamadas teorias comportamentais, elas passam a empregar seus princípios na criação de objetivos, pois isso facilitou a descrição dos comportamentos observados, esses comportamentos poderiam ser mensurados com uma avaliação (DEPRESBITERIS, 2015).

Como tal, os resultados têm um impacto significativo no processo de ensino-aprendizagem, são uma meta que deve ser alcançada, juntamente

com questionamentos sobre a eficácia das práticas pedagógicas propostas. Isto sobrestima os resultados da avaliação, o que leva ao surgimento de técnicos especializados em criar métodos para avaliar os resultados finais da aprendizagem. Novamente, a preocupação em mensurar os resultados finais da aprendizagem supera a finalidade pedagógica, ou melhor, a garantia do produto faz com que o processo seja desconsiderado, o que limita a finalidade da avaliação à certificação e seleção dos alunos.

O aprimoramento de testes cada vez mais complexos também tem se concentrado em alcançar uma forma específica de socialização por meio da educação: considerando seus resultados, pode-se dizer que os trabalhadores destinados a um determinado cargo têm o perfil adequado e precisam ter um bom desempenho.

Assim, a lógica construída em virtude da influência Positivista é a classificatória, meritocrática, excludente, onde a avaliação não subsidia a construção do conhecimento, não orienta os rumos para o crescimento individual e social. Nesse contexto o sinal emergente dessa representação da avaliação é a reprovação. Essa reprovação, embora pareça um ato técnico-pedagógico e paradoxalmente bem-intencionado, é essencialmente um ato político de reprodução das desigualdades. (HOFFMAN, 1992, p. 67).

No final da década de 1940, um coletivo de estudiosos da Universidade de Chicago participou do desenvolvimento da ideia de que a avaliação deveria ser precisa, portanto, deveria ser conduzida com o auxílio de metas descritas em termos comportamentais, bem como observando as situações em que podem ser observados. Com essa empreitada, pretendiam criar uma classificação dos objetivos dos processos educativos. Junto com seus companheiros, ele sugere uma distinção entre os objetivos educacionais de três áreas: cognitiva, emocional e física.

Bloom (1956) descreve a avaliação diagnóstica como tendo como objetivo descrever, valorizar e categorizar aspectos do comportamento do aluno, com o objetivo de colocá-los em uma escala de importância crescente. Nessa perspectiva, a função do professor é encontrar as causas da não aprendizagem que ocorre durante o processo educativo. Foi com base no conceito de Bloom que surgiram os primeiros trabalhos escritos sobre a importância do aprendizado constante, com foco no desenvolvimento do indivíduo.

Conceituando a aprendizagem

A ideia de aprendizagem está intrinsecamente ligada ao processo de mudança. Como resultado, as transformações empresariais e o ambiente de trabalho extremamente competitivo e instável são os principais desafios para as organizações e os indivíduos, sendo que ambos devem ser abordados através da aprendizagem e da diferenciação. “Aprender deriva do latim *appendere*, que quer dizer agarrar, apoderar-se de alguma coisa.” (SILVA, 2016, p.89). Aprendizagem é, pois, aquisição de um certo saber com ajuda do outro ou por si só.

Segundo Pozo:

Os primeiros vestígios de registro dessa atividade surgiram por volta de 3000 a.C. com o surgimento das primeiras culturas urbanas que exigiram formas de organização mais precisas. Nasce, pois, a escrita e as primeiras escolas da história, representando formas e espaços em que se podem concretizar objetivos da aprendizagem formal. (POZO, 2012, p. 98).

Contudo, o processo de aprendizagem é consistente ao longo da história da humanidade e da vida dos seus sujeitos; não para completamente e, como resultado, não pode ficar confinado às paredes da escola e afins. Facilita uma variedade infinita de relações sujeito-objeto de aprendizagem, com um fluxo consistente de interação. Coll, Marchesi e Palácios (1996) afirmam que, entre as décadas de 1920 e 1960, o termo aprendizagem foi utilizado principalmente para descrever mudanças comportamentais observáveis. Esta posição foi defendida pelo behaviorismo, que seguia uma filosofia do conhecimento de base empírica. Com o tempo, o behaviorismo tornou-se menos proeminente e outras teorias de aprendizagem se consolidaram, incluindo a Teoria Cognitiva.

A teoria cognitiva da punição e da recompensa centra-se no facto de que as pessoas têm responsabilidades adicionais além de simplesmente responder à punição e à recompensa. As respostas são pre-planejadas, as memórias são ativas e é necessária uma reforma constante de pensamentos e ideias. A aprendizagem é um processo mental ativo, resultado de nossas tentativas de compreender o mundo. Como resultado, é sempre uma criação e não uma simples duplicata do mundo real. Nessa perspectiva, somos um grupo voraz de aprendizes que já vivenciaram alguma coisa, sempre em busca de novas informações e modificando o que já entendemos.

É neste sentido que se torna condenável falar em transferência de

conhecimento, visto que se ignoraria o processo em que sucede as relações de troca e as impedâncias existentes. Anularia o princípio piagetiano de que todo conhecimento provém de trocas dialéticas entre o ser e o meio. *“O conhecimento repousa em todos os níveis sobre a interação entre o sujeito e os objetos, (...) mesmo quando o conhecimento toma o sujeito como objeto, há construções de interações entre o sujeito-que-conhece e o sujeito conhecido”*. (PIAGET, 1967b, p.590).

A partir das interações, o conhecimento se direciona simultaneamente para os dois polos. Isto é, há um duplo processo de interiorização e exteriorização, na direção de uma compreensão do sujeito e do objeto, respectivamente.

Portanto, o sujeito se constrói nesta dupla relação de construção do conhecimento do outro e de si, na interação mesma com o outro. Pode-se pensar num diálogo constante do sujeito com o mundo e com sua própria subjetividade, que se transforma por causa mesmo desse diálogo. A demanda por uma educação consistente e diversificada deriva do crescente volume de informações com as mesmas características, essa demanda está presente em todas as áreas da atividade humana, inclusive no ambiente organizacional.

Tendências educacionais avaliativas adotadas no Brasil

As tendências educacionais são ideias, são perspectivas. Cada tendência promove ideias sobre o homem e a sociedade e identifica o papel da escola de acordo com esta filosofia. Além disso, as tendências educacionais expressam uma perspectiva de mundo de acordo com o contexto histórico em que foi concebida. Como resultado, é vital prestar atenção ao contexto histórico que motivou cada uma das tendências educacionais.

É importante notar que as tendências no Brasil foram (e ainda são) adotadas por outras nações e careciam das condições necessárias para transformar a sociedade em direção à criticidade, à autonomia e à participação. Como resultado, continuam a reproduzir valores de natureza ideológica própria do sistema capitalista, que está ao serviço de um modelo social dominante, o modelo liberal.

Dois educadores brasileiros tiveram um impacto significativo no estudo da Educação que caracterizou o sistema educacional brasileiro nos últimos 50 anos. São eles: Demerval Saviani e José Carlos Libâneo, que caracterizaram as tendências como acríicas, crítico-reprodutivistas

(Saviani, 2005) e liberais tradicionais, progressistas renovadas, não diretivas renovadas, progressistas tecnicistas e libertárias, libertadoras e social-críticas de conteúdo (LIBÂNEO, 2013).

A educação liberal tradicional emprega palestra como método, o aluno é então responsável por absorver e aprender com a palestra. O protagonista desta doutrina é o professor que, possuindo conhecimento, emprega e abusa do autoritarismo na avaliação do conhecimento. A avaliação do processo de aprendizagem neste contexto é simples e de natureza quantitativa, bastando verificar se o aluno aprendeu ou não o conteúdo abordado. O resultado final é considerado e não o procedimento. Apenas os aspectos técnicos da avaliação são considerados.

Este método de avaliação dos alunos resulta na desvalorização do conceito de avaliação, centrando-se no próprio processo de ensino e aprendizagem. O movimento Escola Nova introduziu diferentes abordagens à educação. Os novos métodos de ensino não se preocupavam com o volume de conteúdo aprendido, mas sim com o método e a qualidade de assimilação desse conteúdo. A avaliação neste contexto é diferente da avaliação típica, centra-se nos aspectos qualitativos da matéria em vez dos aspectos quantitativos.

O aluno assume o papel do novo protagonista da narrativa e é julgado pelo grau de participação, pelos seus interesses envolvidos e pela frequência escolar regular. A avaliação do aluno está mais preocupada com o seu desempenho do que com as provas, a educação tecnicista popularizou-se durante a Revolução Industrial, com isso a economia brasileira tinha ligação com as economias americana e europeia. As ideias de eficiência, eficácia e desempenho derivaram do movimento denominado tecnologia educacional, essa influência foi sentida principalmente nas escolas públicas e privadas.

Alguns autores criticam a superabundância de detalhes na avaliação, afirmando que algumas questões têm estado envolvidas no processo de ensino e aprendizagem. Esses problemas, segundo eles, são causados pelo uso indevido dos dados dos alunos no processo de avaliação isso afetou negativamente todo o processo.

Neste sentido, Luckesi (2012, p.98) chama a atenção para o fato de que “a escola está praticando a verificação e não a avaliação, principalmente pelo fato de que a aferição da aprendizagem escolar está sendo utilizada, na maioria das vezes, para classificar os alunos em aprovados e reprovados”.

Ele observa que, mesmo quando os alunos têm a oportunidade

de reabastecer, a única preocupação é rever o currículo para recuperar a nota. O autor reconhece que uma das maiores dificuldades associadas ao processo de ensino e aprendizagem é a dificuldade que os professores têm em criar o planejamento das atividades educativas.

A compreensão do planejamento pedagógico, para a maioria dos professores, é o momento em que um plano é criado ou imitado por outro professor para cumprir as exigências burocráticas da escola. É crucial diferenciar entre o planejamento do ensino, que é o processo que orienta as ações dos educadores durante as suas tarefas didáticas diárias, incluindo todas as situações entre alunos e educadores, e o próprio plano, que é uma estrutura para o ensino.

A diminuição e simplificação da compreensão das metas de planejamento, que deveriam servir como meio de democratização do ensino, tem repercutido negativamente na prática docente, principalmente na avaliação da aprendizagem, pela íntima relação entre elas. Com isso, o planejamento deve servir como uma reflexão constante tanto para professores quanto para alunos, isso ajudará a reforçar o que dá certo e rever o que dá errado.

Desta forma entende-se que o processo avaliativo deve ser adotado de uma maneira dinâmica e contínua observando todo o processo de ensino e aprendizagem do estudante e não apenas resumir o ato de avaliar em uma simples prova quantitativa.

Considerações finais

Esta investigação procurou compreender as diferentes ideias e conceitos que existem nas compreensões de professores e teóricos relativamente à avaliação das escolas. A avaliação dos alunos tornou-se uma dificuldade para os educadores, pois o valor do conhecimento dos alunos foi reconhecido e os novos métodos de avaliação foram empregados, esses métodos devem ser utilizados para auxiliar na prática do ensino, devem direcionar as etapas que devem ser encarados diante da realidade testado, tendo que transitar da teoria para a prática, com uma perspectiva social e inclusiva.

Nesta ação é importante ser específico quanto ao objetivo da avaliação: observar o processo de construção e assimilação do conhecimento, como o aluno aprende, quais os problemas que ele enfrenta e tentar melhorar a qualidade do ensino, evitando assim que a avaliação sendo

convertidos em instrumentos que medem e quantificam o conhecimento do aluno, ou seja, o docente deve ser colocado como uma ponte entre o aluno e o conhecimento para que, deste modo, o aluno aprenda a pensar e a questionar por si mesmo e não mais receber informações passivas, como se fosse um depósito do educador.

Destacou-se na pesquisa a compreensão e a interpretação reflexiva e crítica das informações acerca das concepções e dos significados da avaliação da aprendizagem. Isto facilita a consideração do processo educativo como um todo, e não simplesmente o aspecto quantitativo, pois envolve tanto ação, reflexão e ação no processo de ensino e aprendizagem, bem como a utilização de diferentes métodos de instrução que promovam a coletividade e a eficácia. participação em benefício dos alunos na sua diversidade social, cultural e económica, bem como nos seus ritmos de aprendizagem, experiências, valores, atitudes, potencialidades e competências.

A investigação revelou que ainda há muito trabalho a fazer e a considerar para tornar a avaliação verdadeiramente útil como ferramenta de transformação. Contudo, um dos primeiros passos já foi dado: a reflexão e a preocupação que os professores devem ter com a prática da avaliação escolar.

Referências

ALVES, Maria Celeste Rodrigues Pais. **Avaliação Escolar: Ameaça ou Proteção? Esboço de Análise Psicossocial**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://portal.estacio.br> (Acesso maio de 2024).

OLL, César, PALACIOS, Jesús e MARCHESI, Alvaro (Orgs). **Desenvolvimento Psicológico e educação**: Psicologia da Educação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.v.2.

COSTA, Arlindo. FERNANDES, Catarina Costa. Metodologia da Pesquisa Científica. Mafra (SC): Editora Nosde, 2020.

DEPRESBITERIS, Léa. **O Desafio da Avaliação da Aprendizagem**: dos fundamentos a uma proposta inovadora. 6ª ed. São Paulo: EPU, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**: 27ª Edição, São Paulo: Paz e terra, 1989.

GARCÍA. Carlos Marcelo. **Formação de professores: Para uma**

- Mudança Educativa;** 3^a.ed. Trad Isabel Narciso. Porto: Porto, 2013.
- HADJI, C. **Avaliação desmistificada.** 7^a ed. Tradução de Patrícia Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1992.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 6^a edição, São Paulo: Heccus Editora, 2013.
- LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar.** 13^a Edição, Editora Cortez, São Paulo, 2012.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- PESSANHA, Eurize C. **Ascensão e queda do professor.** São Paulo: Cortez, 2016.
- PIAGET, J. **Tratado de Lógica e Conocimiento.** Buenos Aires: (Editorial Paidós, 1967), v. 4.
- POZO, J. I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem.** 5^a ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- SAUL, A. M. **Avaliação emancipatória: desafio à teoria e à prática da avaliação e reformulação de currículo.** São Paulo: 6^a ed. Cortez, 2014.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia.** São Paulo, Cortez, 1985